

Gripe Espanhola e Covid-19: relações possíveis na educação em tempos de pandemia no Brasil

Spanish Influenza and Covid-19: possible relationships
in Brazil education in times of pandemic

Elizabeth Figueiredo SÁ¹

Betânia de Oliveira Laterza RIBEIRO²

Antônio Gomes FERREIRA³

Resumo

Em 1918, o mundo foi assolado pela pandemia da Gripe Espanhola e em 2020, pela pandemia da SARS-CoV-19. No Brasil, é possível perceber algumas semelhanças entre esses dois momentos. Este artigo tem por objetivo analisar as alterações ocorridas nos espaços e práticas pedagógicas visando a superação das situações pandêmicas. Optou-se pela abordagem da História Cultural, utilizando as concepções de Norbert Elias. Utilizou-se como fontes documentais oficiais, pronunciamento em mídia social e periódicos. Como resultado observou-se que unindo os esforços para a manutenção da vida, as escolas em alguns momentos serviram de espaços para serviços de internação e enfermaria.

Palavras-chave: História da Educação. Educação. Meios de ensino. Pandemia.

Abstract

In 1918, the Spanish Flu pandemic hit the world; in 2020, the SARS-CoV-19 pandemic did the same. In Brazil, it is possible to notice similarities between these two moments. This article aims to analyze changes occurred in pedagogical places and practices to overcome pandemic situations. We chose the Cultural History approach, especially conceptions of Norbert Elias. Research sources considered speeches in social media and in periodicals. Results make possible to observe that, in joining forces to keep life safe, schools buildings served at times as inpatient and infirmary service places.

Keywords: History of Education. Education. Teaching means. Pandemic.

¹ Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória (GEM/PPGE/UFMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1975779880933099>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5861-7535> E-mail: elizabethfsa1@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Faculdade de Ciências Integradas do Pontal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6186135872782431>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3708-4506>. E-mail: betania.laterza@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra (UC), Portugal. Professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma universidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3281-6819>. E-mail: antonio@fpce.uc.pt

Introdução

Ao historiador consciente do acontecimento do que foi a gripe espanhola no Brasil (de 1918 a 1920) e os efeitos da propagação do vírus (*Influenza*) sobre a atitude das pessoas ante a vida e a morte, é provável que fará certo sentido dizer que a história se repete quando se considera o Brasil de um século depois: um país assolado por outra peste, a do novo Coronavírus, desencadeador da covid-19, doença que compromete o sistema respiratório humano. Com efeito, em 14 de novembro de 2020, o jornal *O Globo* publicou uma projeção da tragédia: o número de mortos no mundo poderia superar “1,3 milhão”.

Tal como a gripe Espanhola, a covid-19 obrigou as cidades a parar. Medidas de isolamento social e higiênicas foram tomadas por governos, a fim de conter a disseminação do vírus e o número de mortes. Essas ações demonstram a postura do ser humano em relação à morte, pois, ele sabe “[...] que a morte chegará; mas saber que ela é o fim de um processo natural ajuda a aliviar a angústia”; assim, o indivíduo diante a inevitabilidade da morte, “empenha-se em adiá-la mais e mais com a ajuda da medicina e da previdência” na expectativa de prolongar a vida (Elias, 2002, p. 66).

As pandemias, para além de expor a fragilidade da vida, alteraram o cotidiano da população e a cultura que envolve a morte: despedidas e enterro. O ritual de passagem, velório e enterro, foi interrompido pelo risco da contaminação, gerando a ausência do sentimento de encerramento do ciclo da vida (pelo menos nesse plano, dependendo da crença). Além disso, as crianças, que no processo civilizador estavam sendo poupadas de participar dos rituais de despedida, provavelmente porque “podem transmitir a elas as suas angústias” (Elias, 2002, p. 51), começaram a vivenciar as mortes de seus familiares de modo muito próximo, levando-os à familiaridade com a finitude da sua própria vida.

Em outra perspectiva, o cotidiano da população sofreu alterações e, nesse contexto, a escola e sua comunidade também se modificaram com as pandemias. Nesse sentido, o presente artigo pretende analisar as alterações ocorridas nos espaços escolares e nas práticas pedagógicas visando a superação das situações pandêmicas vivenciadas, em prol da continuidade do curso da vida. A discussão se constrói sobre fontes

jornalísticas e orais, analisadas numa tentativa de estabelecer conexões entre presente e passado, ou seja, entre pandemia de covid-19 e de gripe espanhola e a sua relação com a morte.

Pandemias e Impactos Sociais

Uma das imagens mais vívidas dos efeitos da gripe espanhola no Brasil aparece no relato de Nelson Antônio Freire, em entrevista dada a Adriana da Costa Goulart, em 11 de setembro de 1990. Eis como ele se referiu à situação no Rio de Janeiro:

Foi uma coisa pavorosa! Nunca, em toda minha vida, vi algo que chegasse perto daquela sassânida [guerra]⁴ infernal. Não tinha na cidade rua em que, pelo menos, em uma casa a família inteira fenecera [morrera]. Em muitas, todos da família estavam acamados, e cabia a quem pela rua passasse alimentar e dar remédios. Geralmente eram os coveiros, lixeiros e policiais que acudiam, dando remédio e alimentando, às vezes a família inteira tinha caído doente. As pessoas colocavam panos negros nas janelas e portas das casas, para que eles soubessem que ali tinha gente doente e viessem socorrer. O pior de tudo é que estava morrendo gente aos borbotões, e o governo dizia nas ruas e nas folhas, que a gripe era benigna. Certo dia, as folhas noticiaram mais de quinhentos óbitos, e mesmo assim a gripe era benigna, benigna, benigna. [...] As mortes eram tantas que não se dava conta do sepultamento dos corpos. Na minha rua, da janela, se via um oceano de cadáveres. As pessoas escoravam os pés dos defuntos nas janelas das casas, para que a assistência pública viesse recolher. Mas o serviço era lento, e aí tinha hora que o ar começava a empestear; os corpos começavam a inchar e apodrecer. Muitos começaram a jogar os cadáveres em via pública. Quando a assistência pública vinha recolher os cadáveres, havia trocas dos podres por mais frescos, era um cenário mefistofélico (Freire *apud* Goulart, 2005, p. 109).

⁴ Sassânida se relaciona com o império persa que guerreou com o império romano.

As recordações guardadas apresentam um sentimento de pavor à doença, a ponto de as memórias terem retido a cor do detalhe: seja a simbologia do preto em recortes de panos presos a portas e janelas para pedir de socorro, seja a intensificação dos odores malcheirosos à luz do que o recolhimento de corpos nas ruas provocava.

As primeiras notícias sobre a gripe espanhola no Rio de Janeiro que chegaram na capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, têm tom parecido com o do relato.

Diziam os jornais e telegramas recebidos na lendária Cidade Verde que morria gente na Capital da República, como jamais acontecera — nem no tempo das rajadas de febre amarela. Todo mundo adoecera; e os óbitos eram em elevadíssimos números, certos dias não havia quem enterrasse os corpos das vítimas. Os coveiros catavam enfermos ou também haviam falecido... Cadáveres ficavam na rua, à porta das casas, à espera de condução para o cemitério. — Ora, se no Rio de Janeiro isso estava se sucedendo, com todos os recursos que lá existiam, que se daria em Cuiabá, cidade pobre e situada, por assim dizer, no fim do mundo? (A Cruz, 1948, p. 1, ed. 1805).

Não por acaso, cogita-se que foram os cariocas que levaram o vírus Influenza para São Paulo. Em 10 de outubro de 1918, o jornal *O Combate* (1911, p. 1) deu esta manchete: “A Espanhola em São Paulo, numerosos casos suspeitos”. Com efeito, os primeiros casos teriam sido resultado do contato com jogadores de um time carioca de futebol amador em visita à capital paulista no dia 9. Contaminados e já doentes, hospedaram-se no hotel D’ Oeste, onde teve início a transmissão do vírus, que de imediato matou muitos. Em 1920, Meyer e Teixeira publicaram *A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo*, livro com comentários críticos sobre a demora no reconhecimento da presença do vírus *Influenza* em São Paulo, assim como comentários elogiosos sobre medidas de combate. Os textos reunidos na obra incluem a experiência do médico e escritor Pedro Nava, então recém-chegado ao Brasil e que corrobora as lembranças de Nelson Freire:

Aqueles dias ninguém que os tenha vivido poderá jamais esquecer-los, tudo era dum cinza purulento, dum roxo podre, poente de chuva, saimento marcha fúnebre, viscosidade e catarro. A capital federal era um cenário composto de faces de terror, de crispações de pânico, de vultos de luto, correndo desarvorados, sem rumo, diante do incompreensível (Nava, 1976, p. 206-207).

A reprodução desse cenário encontraria um contexto promissor em Mato Grosso. Os jornais noticiaram a chegada da gripe espanhola a Mato Grosso e apontaram como vetores os passageiros de embarcações que seguiam de Corumbá à capital. “Os barcos a vapor passavam pelas cidades de Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Assunção, Buenos Aires, Montevideo, Torres, Santos e Rio de Janeiro” (Costa, 2020, p. 28). Uma primeira medida foi criar um posto sanitário, em Amolar, para desinfetar embarcações e observar os passageiros. Para seu funcionamento,

[...] foram expedidas instruções assim como fornecidos pela nossa Repartição de Hygiene a necessária ambulância e outros recursos, levando também o digno facultativo em sua companhia, um destacamento composto de 6 praças do exercito e 6 ditas da força publica do Estado, que permanecerão naquele posto à sua disposição enquanto durar a comissão de que vai investido (O Matto Grosso, 1918, p. 1).

Inicialmente as pessoas contaminadas foram tratadas como uma gripe benigna, porém, após a notificação “foi que a grippe se manifestou de fórma epidêmica, atacando principalmente os bairros pobres” da capital. (Mato Grosso, Mensagem, 1919, p.46). Assim, médicos e governantes dividiram a cidade em cinco zonas para serviços de profilaxia: 1) bairro Centro — zona a cargo do médico Alves Correa; 2) da então rua Barão de Melgaço rumo aos bairros da Boa Morte e Lavapes — zona a cargo do médico Floriano de Lemos; 3) da então av. Ponce até o largo do Arsenal — zona a cargo do médico Caio Correa; 4) bairros do 2º distrito — zona a cargo do médico Antonio Epaminondas; 5) bairros do Areão, Baú, Mundeó e margem esquerda do córrego — zona a cargo do médico Juvenal Santos (O Matto Grosso, 1918, p. 1).

A ideia era educar a população urbana para os hábitos necessários de higiene. Fossem quais fossem os esforços do governo, cabia às pessoas evitar a propagação do vírus *Influenza*. A forma de fazer isso seria adotar atitudes higiênicas e saudáveis. Conforme Bertucci-Martins (2003, p. 114):

Versos reveladores de Miguel Meira, escritos em novembro de 1918, diziam: Baratear a vida, eis a primeira/ Medida, que ao Governo já propuz.../ Obrigar a lavar-se a quem não queira,/ No Brás, no Cambuci, na Lapa e Luz!... / Dá fome a Gripe, é filha e da sujeira,/ Transmite-se no escarro e pelo pús.../ Evitar dar a mão! / Desta maneira/ É que o mal se propaga e reproduz! / Alimentado o corpo e bem lavado,/ A casa varridinha, onde se mora,/ Juro! Não haverá um só gripado!.../ Sem isso, todo o povo a perna estica,/ E com Pão a cada hora,/ — Salvo São Paulo inteiro sem botica!... [os versos saíram no *Jornal do Commercio* do dia 8 de novembro de 1918] (2003, p. 114).

Com efeito, medidas de prevenção à gripe foram veiculadas em todo o país por meio de jornais a fim de orientar a população ante a inexistência de remédios. Tudo era paliativo. *O Estado de S. Paulo* publicou, seguidamente, o resumo do comunicado do serviço sanitário sob o nome de “Conselhos ao povo”:

Evitar aglomerações, principalmente à noite. Não fazer visitas. Tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta: inalações de vaselina mentolada, gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico, tanino e infusões contendo tanino, como folhas de goiabeira e outras. Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigramas por dia, e de preferência no momento das refeições. Evitar toda a fadiga ou excesso físico. O doente, aos primeiros sintomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contágio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita. Evitar as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes. As pessoas idosas devem aplicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados (O Estado de São Paulo, 1918, p. 3)

No entanto, em todo o Brasil, os hospitais estavam abarrotados. O comércio todo baixou as portas — à exceção das farmácias, onde os fregueses disputavam a tapa pílulas e tônicos que prometiam curas. A manchete de primeira página da *Gazeta de Notícias* do dia 15 de outubro de 1918 ressaltou as condições do Rio de Janeiro em relação à gripe espanhola: o Rio de Janeiro era “Um vasto hospital”.

De maneira assustadora, a epidemia alastra-se por toda parte. As farmácias dificilmente conseguem aviar as receitas que lhes chegam as dezenas e a todo instante. Já se sente a falta de medicamentos que são vendidos a preços exorbitantes. Nos subúrbios, famílias inteiras vão caindo com a epidemia, sem assistência médica e sem recursos. O governo está na obrigação de agir prontamente em defesa da população. Deve organizar uma brigada de salvação pública, chamando os médicos do interior de Minas ou de São Paulo, requisitando os veículos e os medicamentos necessários a fim de que as classes pobres não fiquem como estão: completamente sem recursos, à mercê da epidemia que já não apresenta o caráter de benigna dos primeiros casos e toma caráter alarmante. Organize o governo a brigada de salvação pública, em defesa da população desvalida e que não tem médicos, não tem remédios e não tem dinheiro, e terá [ele] prestado assinalado serviço à cidade, entregue à criminosa vigilância sanitária do Sr. Carlos Seidl (*Gazeta de Notícias*, 1918, p. 1).

Goulart (2005) estudou as condições dos hospitais e nas repartições de saúde. Segundo ele, a situação era lamentável. Em muitos hospitais, a assistência à saúde não servia para nada. Era comum a visão de que se fazia muito alarde por uma doença corriqueira, ainda que essa doença supostamente corriqueira fosse se transformar em um problema de saúde pública sem precedentes no Brasil, conforme o que diz Goulart. Ele mostra que rapidamente a cidade do Rio de Janeiro se viu à beira de um colapso na saúde. Faltavam remédios, faltavam médicos, faltavam hospitais para receber doentes mais graves.

Devastadora na realidade das grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, em 1921 a peste se agravou na capital mato-grossense, a ponto de não ser possível mais mascarar os dados:

A epidemia da gripe grassa intensamente nesta capital sob modalidades varias, registrando alguns casos fatais, principalmente entre a população infantil. [...] a verdade afirma que rara é a casa, nesta capital, que não esteja transformada em enfermaria. O que pretendíamos evitar é o quadro que atualmente se observa, como o de famílias inteiras atacadas do mal e muitas vezes sem recursos para o tratamento, pois ha verdadeira miseria em Cuiabá. [...] Se de um lado o quadro é esse, não podemos esquecer que a vida entre nós torna-se dia a dia mais penosa e difícil, pela elevação dos preços dos generos de primeira necessidade, e em muitas ocasiões encontrando-se os mercados inteiramente esgotados (O Matto Grosso, 1921, p. 1).

Era tal o estado de coisas, que a gripe não escolhia vítimas. Tal qual “um tufão”, derrubava “a todos, levando-os para o leito”, matando-os e deixando em “tristes condições de vida” os que escapavam (O Matto Grosso, 1922, p. 2).

Vinha bastante lisonjeiro o estado sanitario do municipio, quando em principio de Setembro se nos apresenta a “Grippe Espanhola” pondo em sobressalto a população desta capital, devido à sua intensidade e o numero de vidas que, diariamente, fazia tombar sob o golpe da inexorável parca. Desta Capital, foi esse terrível flagelo se irradiando para quase todo município em proporções alarmantes. A crise aflitiva por que vem passando o Estado, e, agora acentuadamente o município, com a carestia, extraordinária dos gêneros de primeira necessidade, muito contribuiu para esse terríveis morbos em sua expansão devastadora semeasse o luto por quase seu todo território (Correio do Estado, 1921, p. 2).

Como se lê, o tom das notícias era de um movimento inicial de negação e medo que expunham as desigualdades sociais e suas consequências. A ausência de quarentena e isolamento social parece ter se

equivalido o aumento contínuo de mortes e carestia da população. É claro, o cenário mudava de lugar para lugar: o estrago tendia a ser maior em capitais de grande porte como Rio de Janeiro e São Paulo, cujas vias de contato eram muito mais francas e de fácil acesso do que no interior, digamos, de Minas Gerais ou de Mato Grosso. Em que pesem as variáveis, o vírus chegou a esse interior e, aí, modificou minimamente o cotidiano já pacato, a ponto de obrigar a fechar escolas.

São emblemáticos os vínculos entre presente e passado evocados pelas pandemias da Gripe Espanhola e do novo Coronavírus, desencadeador da Covid-19. Segundo Elias (2002, p. 10), “Só a partir de uma perspectiva de longa duração, pela comparação com épocas passadas, percebemos quanto aumentou nossa segurança contra os perigos físicos imprevisíveis e as ameaças imponderáveis à nossa existência”, embora no caso do Brasil, as duas pandemias tenham apresentado algumas similitudes, como a forma pela qual intelectuais e governantes tentaram amenizar para a população a gravidade da pandemia.

Em seu artigo intitulado “Ainda sobre Influenza”, publicado no *Jornal O Matto Grosso* (1918), Floriano Lemes procurou convencer os leitores de que a gripe espanhola, que infectou de janeiro de 1918 a dezembro de 1920, cerca de um quarto da população mundial na época (Taibenberger; Morens, 2006), era uma “gripezinha”, *mais benigna que a gripe comum*. Segundo o articulista:

[...] quando a epidemia se alastrar entre nós (caso Deus não nos queira livrar dela), será impossível a quem quer que seja esconde-la, sofismar ou disfarçar; [...] Assim, até segunda ordem, penso que a famigerada “influenza espanhola” em si mesma não é doença grave, mas muito benigna, mesmo mais benigna que a gripe comum. O que pode tornar tremenda é o pânico que as populações mal avisadas lhe têm recebido a importuna visita, como sucedeu no Rio. (*O Matto Grosso*, 1918, p. 2)

Quase um século depois, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em pronunciamento oficial sobre a covid-19 nos canais de televisão, no dia 24 de março de 2020, afirmou que:

O vírus chegou e está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim, voltar à normalidade [...] pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sofreria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...] (TV Cidade Verde, Youtube, 23/03/2020).

A fala do Presidente causou manifestações populares, de autoridades e de intelectuais especialistas em pandemias. Várias campanhas foram deflagradas para que a população permanecesse em suas casas.

Assim, a pandemia obrigou as cidades a pararem. Medidas de isolamento social e higiênicas foram tomadas por governos, a fim de conter o número de mortes e a disseminação do vírus. No Brasil, o Ministério da Saúde (2021) orientou sobre cuidados básicos para reduzir riscos de contrair/transmitir infecções respiratórias agudas, sobretudo a do Corona. As medidas incluem: higienizar mãos e braços com água e sabão; desinfetar as mãos com produto à base de álcool; não levar a olhos, nariz e boca mãos não lavadas; evitar contatos de proximidade com infectados e doentes; permanecer em casa quando doente, cobrir boca e nariz ao tossir ou espirrar, desinfetar objetos e superfícies tocados com frequência, usar máscara ao sair de casa e lavá-la diariamente

Após decretar a necessidade de isolamento social e de restringir o funcionamento de vários setores para evitar aglomerações, o governo distribuiu álcool gel para hospitais estaduais, municipais e unidades essenciais como delegacias, presídios, quartéis, prefeituras e secretarias. O transporte público passou por alterações, com redução da frota em circulação e orientação para que os passageiros permanecessem sentados.

A vacinação da população, questão polemizada pelo governo federal, foi atingindo gradativamente a maioria da população em todo o país, embora, segundo Pedro Hallal, epidemiologista e pesquisador da Universidade de Pelotas, ela tenha sido adquirida após a morte de 400 mil pessoas que poderiam ter sido evitadas se o governo tivesse apoiado as

iniciativas de distanciamento social, do uso de máscaras e acelerado a aquisição das vacinas (Senado Notícias, 24/06/2021, *online*).

As informações mais recentes são de 693.981 óbitos confirmados no país por covid-19. (Coronavírus-Brasil, 03/01/2023, *online*).

Escola em Tempos de Peste

Com efeito, a educação passa a ser uma frente relevante em contextos pandêmicos. Para Bertucci-Martins (2003), a educação e a higiene foram remédios contra a gripe espanhola e eles se traduziram no comunicado do Serviço Sanitário resumido pelo jornal *O Estado de São Paulo*, sob o nome de “Conselhos ao povo”. O texto foi publicado e reeditado em vários jornais do país.

Dado o terror disseminado na população, em algumas localidades as aulas foram suspensas em prol da segurança da criança e de sua família. As “férias forçadas” obrigaram o alunado a ficar em casa. A ação do governo nesse sentido foi registrada pela *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1918, p. 3):

O Governo resolveu, ao que parece, fechar as escolas a fim de evitar o mais possível que os alunos nas aglomerações, sejam vítimas da pandemia da gripe. O Collégio Pedro II também vai, provisoriamente, encerrar as suas aulas até que passe o período agudo da epidemia. O fechamento das escolas era uma medida que já se impunha, porque não é justo que se sacrifiquem os estudantes, deixando que todos eles sejam atacados da “espanhola” para depois fechar os estabelecimentos por falta de alunos.

Faltaram evidências históricas da suspensão das aulas em Mato Grosso em razão da pandemia de *Influenza*, mas isso não anula a suspeição de que tenha havido consequências à atividade funcional escolar. O Liceu Salesiano foi usado para atender à população infectada, servindo como um dos postos de socorros onde foram distribuídos medicamentos e gêneros alimentícios à população pobre (Mato Grosso, Mensagem, 1919, p. 46).

Longe das capitais, a população de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, passou por situações semelhantes ao que ocorria nas demais regiões. Ituiutaba tinha apenas uma escola pública: o Grupo Escolar João Pinheiro, que cessou as atividades educacionais e passou a acolher doentes. Mas houve um fato interessante com uma professora dessa instituição escolar, Alzira Alves que, para que os alunos não perdessem a matéria do ano letivo, os atendeu em sua casa, com intervalos de atendimento. Os alunos iam de máscaras.

A atitude da professora se assemelha a desdobramentos da epidemia de covid-19. De suas casas, professoras e professores se viram obrigados e instados a atenderem o alunado. A diferença está na forma de interação: presencial e virtual.

Mesmo com os conflitos constantes entre o governo federal e os estaduais, nas tomadas de decisão acerca dos protocolos a serem tomados na prevenção da contaminação pelo Coronavírus, a preocupação inicial com pessoas consideradas do grupo de risco foi estendida aos demais, jovens e crianças em fase escolar que tiveram as aulas suspensas a partir dos meses de março e abril de 2020, dependendo do estado, assim como os que frequentam universidades públicas e privadas no intuito de evitar aglomerações e dificultar a disseminação do vírus.

Em isolamento social, as famílias mudaram seu cotidiano e, consequentemente, as crianças mudaram a sua rotina infantil e escolar. O lar passou a ser o universo familiar, local de brincadeira e de estudo. Uma nova situação a ser enfrentada e vivida por famílias que puderam fazer o isolamento social, pois, nem todas tiveram esse direito devido às desigualdades sociais. Para esses, a casa, compartilhada pelos seus moradores, precisou ser reestruturada para abrigar, também, o trabalho dos pais e local de estudo das crianças. Aos demais, pouca coisa mudou.

A grande mudança causada pela pandemia, sentida por crianças e principalmente pelos seus pais, foi a vida escolar: aulas virtuais e distanciamento social, opções para que os estudantes continuassem seus estudos e concluíssem o ano letivo. No entanto, nas escolas públicas, a modalidade à distância esbarrou com as desigualdades, problemas sociais e econômicos, porque grande parte das crianças não possuíam computador, acesso a internet e local adequado para estudar. Alex Vieira Passos,

Secretário Municipal de Educação de Cuiabá-MT afirmou que, no município, “[...] nos deparamos com uma triste realidade, não só Cuiabá, mas todo o país terá que se organizar após essa pandemia: nossos alunos não têm equipamentos [...] e uma internet gratuita. Ou seja, o país precisa urgentemente democratizar o acesso à internet (Passos, 2020, *online*).

Essas desigualdades também expuseram os docentes: as dificuldades em lidar com a tecnologia remota, falta de acesso a internet (sobrecarga de trabalho e tempo para lidar com as atividades do lar e do trabalho). Ao tratarem sobre a experiência de uma escola pública no período de suspensão das aulas.

Os pais também sofreram e tiveram que aprender nesse período pandêmico. Além do *home office* e dos afazeres domésticos diários, os pais começaram a ensinar mais diretamente seus filhos, e isso se mostrou um problema, pois, alguns não sabiam o conteúdo ou não tinham paciência ou não sabiam como explicar a matéria a ser estudada. Como resultado de pesquisa, Laguna *et al.*, (2021, p. 5409) relatam que:

Além das consequências psicológicas, o distanciamento físico priva as crianças da importante socialização com os pares, aprendizados consideráveis para o desenvolvimento humano, como: experiências lúdicas partilhadas, comunicação, cooperação, convivência com as diferenças, enfrentamento e compartilhamento de decisões, solução de conflitos. Ainda, com o ensino remoto instalado no Brasil, o lar tornou-se sala de aula e os pais, professores, provocando um contexto caótico e estressante. Nesse sentido, o lar passou a ser um lugar com incertezas e falta de previsão para o retorno das relações sociais fora desse ambiente, tornando-se um agravante ansiogênico.

O contexto das escolas que conhecemos é o inverso do que havia em 1918–20, quando as escolas foram fechadas e, algumas, transformadas em locais com leitos hospitalares para tratamento dos infectados. Mas, de alguma forma, a atitude da professora de Ituiutaba, embora possa numa visão anacrônica, ter posto em risco a vida de seus alunos, tomou os cuidados que julgavam necessários para evitar a contaminação, porém, garantindo as aulas a seus estudantes do modo que ela entendia como possível para aquele período.

Considerações Finais

Separadas por um século, a pandemia do vírus *Influenza* da gripe espanhola e a do Corona da covid-19 mudaram o ritmo de vida cidadina de algum modo, inclusive a vida escolar, protegendo a comunidade abrigando-a ou afastando-a de risco da morte, pois, embora “A morte não [seja] terrível”, “Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda pelos vivos quando morre uma pessoa amada” (Elias, 2001, p. 77).

Nesse sentido, unindo os esforços para a manutenção da vida, as escolas em alguns momentos serviram de espaços para serviços de internação e enfermaria. Escolas públicas fechadas significam que doenças como gripe espanhola e covid-19 exigem de nós aprendizagem não só escolar, mas ainda de exigências que a vida e a natureza nos impõem.

Não por acaso, a interrupção das atividades intraescolares impôs a necessidade de professores e alunos desenvolverem práticas de ensino e aprendizagem fora da sala de aula. Da satisfação, ainda que provisória, das novas necessidades pode advir a base para refletir de outro modo sobre desafios da educação: relações presenciais aluno–professor, a autonomia discente, o papel da família como um pilar da educação da prole. Se a pandemia exige que o professorado reaprenda a trabalhar, é preciso que o reaprender se estenda a outros atores da educação escolar, como à família do alunado.

Com as novas práticas de ensino e aprendizagem suscitadas pela pandemia, a covid-19 veio nos lembrar que a educação escolar — formal, programada, planejada — não se restringe ao prédio da escola, tanto quanto a educação moral e do caráter não se confina ao lar do aluno. Embora os registros da atividade de ensino e aprendizagem estejam a salvo e disponíveis, nem sempre são gravadas, inclusive as aulas. Por isso, o acompanhamento das atividades tem de ser responsabilidade de pais e mães, pois o alunado estabelece outra forma de se relacionar com professores e colegas.

Os atores escolares nos parecem ser as pessoas com potencial para fazer das mudanças impostas um fator de renovação das práticas escolares com uso das condições de comunicação. Ainda que indisponíveis a uma parcela da comunidade escolar, cremos que uma parcela considerável dela possa usar da interação virtual para complementar o processo de ensino e

aprendizagem presencial e de circulação de experiências e ideias. Mais que isso, é preciso insistir na história como forma de aprendizagem. Dito de outro modo, os agentes que atuam na escola parecem ser as pessoas com potencial para fazer das condições de comunicação disponíveis hoje uma forma de aprender com a história.

Referências

A CRUZ. Cuiabá-MT, 1948, n. 1.805. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A PROVÍNCIA. São Paulo, SP, 4 dez. 1918, ano XVI, n. 334. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

BERTOLLI FILHO, C. **Epidemia e sociedade: a gripe espanhola no município de São Paulo, SP**. 1986. Dissertação (mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BERTUCCI-MARTINS, L. M. “Conselhos ao povo”: educação contra a influenza de 1918. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 103–18, abr. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Como se proteger?** Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger#:~:text=Evitar%20tocar%20olhos%2C%20nariz%20e,beijos%20e%20apertos%20de%20m%C3%A3os>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 3.603**, 11 de dezembro de 1918. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3603-11-dezembro-1918-572586-publicacaooriginal-95783-pl.html#:~:text=Declara%20promovidos%20ao%20anno%20ou,equiparados%20ou%20sujeitos%20a%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, RJ, 15 out. 1918, ano XXVIII, n. 7.172. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

CORREIO DO ESTADO. Cuiabá, MT, 1921, n.56. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

CORONAVÍRUS-BRASIL. Painel Coronavírus. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

COSTA, M. A. (2020). A gripe espanhola em Mato Grosso e suas lições em tempos de pandemia da COVID-19. **Vigil Sanit Debate, Rio De Janeiro**, 8(3), 26–33. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1665>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, RJ, 15 out. 1918, ano XLIII, n. 286. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

GOULART, A. C.: Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, RJ, ano 91, 8 nov. 1918. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

LAGUNA, T. F. S.; HERMANN, T.; SILVA, A. C. P.; RODRIGUES, L. N.; ABAID, J. L.W. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. **Rev. Brasileira Saúde Materna. Infantil.**, Recife, 21 (Supl. 2): S403-S412, maio., 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/PGF37qhRQP9HYFH5TSv89zR/?lang=pt>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

LEMES, F. Ainda sobre Influenza. **O Matto Grosso**, Cuiabá, MT, 1918, n. 1.529.

MATO GROSSO. Mensagem do Presidente do estado, Francisco de

Aquino Corrêa, 1919. Disponível em:
<http://ddsnext.crl.edu/titles/170#?c=0&m=92&s=0&cv=0&r=0&xywh=825%2C389%2C3296%2C3111>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

MEYER, C. L.; TEIXEIRA, J. R. **A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo**. São Paulo: Casa Duprat, 1920.

NAVA, P. **Chão de Ferro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editores, 1976.

O COMBATE. São Paulo, SP, 1911, n. 1025. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, SP, 1918, n. 14.341. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O MATTO GROSSO. Cuiabá, MT, 1918, n. 1.519. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O MATTO GROSSO. Cuiabá, MT, 1921, n. 1761. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O MATTO GROSSO. Cuiabá, MT, 1922, N.1800. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

PAIVA, H. B. **Memórias, histórias e crônicas tijucanas**. Uberlândia: ed. UFU, 2018.

PASSOS, A. V. **Parar as aulas, não o aprendizado!** Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2020. Disponível em:
www.cuiaba.mt.gov.br/educação/parar-as-aulas-não-o-aprendizado/21271. Acesso em: 28 de março de 2021.

SENADO NOTÍCIAS. Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas. 2021. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M. 1918 Influenza: the mother of all pandemics. **Emerging Infectious Diseases**, v. 12, n. 1, p. 15–22, jan. 2006. doi:10.3201/eid1201.050979.

TV CIDADE VERDE. Youtube. Em pronunciamento Bolsonaro diz que coronavírus é gripezinha. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7KAP31EqTU>, Acesso em: 19 de setembro de 2022.

Recebimento em: 04/12/2022.

Aceite em: 08/01/2023.